



Mais informações e contato:  (11) 95446-2020



pormassas.org |



fb.com/massas.por |



@massas.por

SINPEEM - 18 a 21/10/22

TESE DA CORRENTE PROLETÁRIA NA EDUCAÇÃO AO 31º CONGRESSO DO SINPEEM

Caráter e estrutura do Congresso

1. Os congressos do Sinpeem têm se caracterizado como encontros festivos, despolitizados e profundamente antidemocráticos. Trata-se de um formato que não é aprovado em nenhuma instância. Prevaecem os shows, atividades culturais e palestras acadêmicas e outras ações distracionistas, no lugar de privilegiar o debate entre os próprios delegados de base e a deliberação sobre os problemas reais das escolas, como a situação exige e como manda o princípio da democracia operária.

2. A direção da entidade impõe a sua tese, mascarada como “Texto Referência”. Esse mecanismo obriga as outras correntes a se limitarem a “propostas de emendas”, que precisam ser assinadas previamente por um número elevado de filiados. O objetivo ao impor esse entulho burocrático é, evidentemente, mutilar a apresentação das teses dos agrupamentos oposicionistas.

3. A Corrente Proletária na Educação não se curva diante dessas manobras. Inscreveu as suas emendas para ter direito à fala no microfone e, ao mesmo tempo, está distribuindo aos delegados a sua tese. A Corrente Proletária luta para que o Congresso esteja voltado à organização da luta, que respeite os princípios da independência de classe e da democracia operária.

Conjuntura internacional e a resposta proletária

4. A crise educacional e os duros ataques sobre os trabalhadores em geral se inscrevem num cenário de bancarrota econômica do país, sendo esta uma refração da crise estrutural do capitalismo. A barbárie avança por toda a parte, assumindo formas diversas: recrudescimento das tendências bélicas (vide o caso da Ucrânia), a guerra comercial (particularmente entre os EUA e a China), saque imperialista sobre as semicolônias, o desemprego em massa, o crescimento da onda fascizante, o reforço das tendências ditatoriais da burguesia, entre muitos outros aspectos.

5. O Congresso do SINPEEM deve se colocar por uma campanha pelo fim da guerra na Ucrânia. A classe

operária deste país e de todo o mundo deve estar à cabeça desse enfrentamento. Deve, igualmente, lutar contra suas consequências, que recaem sobre os explorados, na forma da alta do custo de vida, de desemprego, de fome e miséria. Lutemos por: fim da guerra, desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas, fim das sanções econômicas dos Estados Unidos à Rússia, autodeterminação, integralidade e retirada das tropas russas da Ucrânia.

6. Durante a Pandemia, os explorados foram abandonados por suas direções sindicais e políticas, as quais permaneceram debaixo da política burguesa do isolamento social, mantendo os organismos de luta, principalmente os sindicatos, fechados para a luta. A experiência mostrou a incapacidade da burguesia para defender a população diante do vírus mortal. A correta orientação científica do isolamento social não tinha como ser colocada em prática sob o capitalismo. Os explorados, sem alternativas e premidos pela fome, protagonizaram lutas importantes, mas que ficaram isoladas, dada a política empunhada pelas direções. Prevaleceu, então, a guerra comercial em torno às vacinas, com os governos se dividindo de acordo com os interesses das multinacionais farmacêuticas. Como resultado, aproximadamente 6,5 milhões de vidas foram perdidas, uma brutal destruição de forças produtivas, além do fechamento de fábricas, quebra de pequenos comerciantes etc., fatores que impulsionaram a crise econômica, que já se manifestava, seguida de uma série de efeitos destrutivos, em particular o aumento da fome e da miséria.

7. As massas têm reagido instintivamente aos ataques, protagonizando lutas heroicas. Enfrentam o seu principal obstáculo, que é a crise de direção revolucionária. Está ausente o partido mundial da revolução socialista. A destruição da III Internacional e do partido bolchevique pelo estalinismo contrarrevolucionário prestou um enorme serviço à burguesia mundial. Um dos resultados mais nefastos foi a conclusão do processo de restauração capitalista na URSS, interrompendo a transição do capitalismo ao socialismo.

8. A IV Internacional, fundada por Trotsky, não so-

breviveu ao terrível isolamento, à destruição física da vanguarda e ao posterior estilhaçamento pelas diversas correntes revisionistas, que não se construíram como partidos-programa e não se enraizaram no proletariado em cada país. Nadando contra a corrente, o POR no Brasil, na Argentina, Chile e Bolívia compõem o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (Cerqui), que ainda se encontra em estágio embrionário.

A luta de classes no Brasil

9. Pesa sobre os ombros dos explorados a carga de grandes derrotas no último período. A eclosão da crise econômica, a partir de 2008/2009, tem impulsionado o imperialismo e as burguesias em cada país a cortarem fundo na carne dos oprimidos, com uma maciça destruição de postos de trabalho, retirada de direitos e outras medidas de proteção aos capitalistas. No Brasil, tem um extraordinário peso o problema da dívida pública, que tem empurrado os sucessivos governos a manterem e aprofundarem o saque das riquezas nacionais, tudo para salvaguardar os interesses do capital financeiro.

10. Sob o governo de ditadura civil de Temer foram aprovadas a Lei do Teto de Gastos, a reforma do ensino médio, a Lei da Terceirização e a mais nociva delas, a reforma trabalhista. Sob o governo militarista e fascizante do Bolsonaro, o Congresso Nacional aprovou a reforma da previdência. Está na ordem do dia a reforma administrativa, em âmbito federal. Avançaram as privatizações e o fenômeno da desnacionalização. Os países imperialistas se beneficiam com o trabalho sujo das mineradoras, madeireiras, agronegócio, enfim, com a exploração dos recursos nacionais, à custa da destruição da natureza. Esse conjunto de medidas reacionárias compõe o verdadeiro conteúdo do golpe de estado de 2016.

11. Enquanto ocupou a presidência, nos dois mandatos de Lula e nos de Dilma, o PT realizou governos burgueses, de respeito à grande propriedade privada e totalmente subordinado ao imperialismo. Nos de Lula, pôde aplicar uma política de conciliação de classe, tendo em vista o fôlego limitado da economia mundial, particularmente pelo papel do comércio de commodities junto à China. A eclosão da crise, que coincidiu com o final do segundo mandato de Lula, foi solapando as bases da política de conciliação de classe. Nesse sentido, os anos de 2015-2016, com um novo repique da crise, golpearam duramente o segundo governo de Dilma Rousseff. O capital financeiro passou a exigir as contrarreformas, como forma de garantir os seus interesses. O PT cedeu, colocando homens do calibre de um Joaquim Levy, de confiança dos banqueiros, no comando de postos-chaves do governo. Aplicou as Medias Provisórias 664 e 665, que atacavam direitos dos trabalhadores. Vale lembrar que Lula, logo que subiu ao poder, golpeou as

aposentadorias, com uma reforma previdenciária. Outros exemplos poderiam ser elencados, inclusive nos governos municipais (como o de Marta Suplicy, em SP), estaduais e na atuação parlamentar dos petistas.

12. O problema, portanto, não era se o PT seria capaz ou não de aplicar as medidas exigidas pelo capital financeiro. Acabou sendo apeado, vítima de um golpe institucional, devido a não ser um partido orgânico da burguesia e a ainda manter vínculos com os sindicatos e movimentos, mostrando-se incapaz de realizar as contrarreformas na profundidade e na velocidade exigidas diante da crise. A burguesia necessitava de um governo que viesse de suas próprias entranhas, que tivesse as mãos livres para atacar duramente o conjunto dos explorados. Temer cumpriu, transitoriamente, essa função. O PSDB, por sua vez, era o partido que deveria naturalmente assumir o leme do Estado, uma vez que vinha polarizando as disputas com o PT desde o impeachment de Collor. Acontece que Alckmin, o nome escolhido pelo partido para a corrida eleitoral de 2018, não decolou.

13. O declínio eleitoral do PSDB coincidiu com o fortalecimento da ultradireita, especialmente na figura de Bolsonaro. Este acabou expressando uma virada para posições reacionárias mais agudas por parte de frações da burguesia, encontrando na classe média descontente o esteio necessário para se projetar eleitoralmente. Do ponto de vista objetivo, era necessário manter o PT longe do comando do Estado, para concluir o conteúdo do golpe de 2016. É o que explica a prisão de Lula, baseada em processos fraudulentos, como ficou demonstrado posteriormente.

14. No poder, Bolsonaro tentou, sem êxito, ultrapassar os limites determinados para a sua passagem pela presidência. No que diz respeito às contrarreformas, cumpriu a sua função. Sua pretensão, no entanto, era a de governar por cima das classes, isto é, de exercer uma ditadura de tipo bonapartista. Acabou se frustrando nesse objetivo, encontrando obstáculos no Congresso oligárquico, no Judiciário e no imperialismo, que não encontraram motivos para um fechamento maior do regime, dado o controle da luta de classes, com os oprimidos pacificados pela política conciliadora das suas direções sindicais e políticas.

15. As duas greves gerais, de abril de 2017 e junho de 2019, mostraram que os trabalhadores e a juventude oprimida estavam dispostos a combater para pôr abaixo as medidas anti-operárias. Contudo, por conta da política fracassada de conciliação de classes empunhada pela frente burocrática, liderada pelas centrais, as contrarreformas puderam ser aprovadas na mais absoluta calma. Em ambos os casos, as direções sindicais jogaram um papel de traição aos explorados, com uma política nefasta de desviar a explosiva insatisfação das massas para o campo do eleitoralismo e da pressão parlamentar, como se fosse possível “desidratar” as reformas a partir das negociatas

via Congresso Nacional. Diante da Pandemia, as mesmas direções ficaram debaixo da política do “fica em casa”, que se revelou um desastre.

16. Os atos contra o racismo, motivados pelo assassinato do americano George Floyd, romperam parcialmente a paralisia imposta pelas direções. Depois, vieram os atos da Campanha Nacional Fora Bolsonaro, que foram multitudinários. A orientação vinda das centrais, sindicatos, entidades estudantis e movimentos, porém, foram, novamente, de desviar as lutas para o terreno dos joguetes institucionais (frente ampla pelo impeachment) e do eleitoralismo. Por essa via, Bolsonaro pôde se manter no poder, e a insatisfação popular acabou sendo canalizada para as urnas, agora em 2022, com a projeção eleitoral do caudilho Lula.

16. A vitória de Lula no primeiro turno, como previram os institutos de pesquisa, não aconteceu. Bolsonaro mostrou força eleitoral. Em São Paulo, a discrepância foi ainda maior, com o direitista Tarcísio passando à frente de Haddad. A tendência é de um segundo turno com uma disputa ainda mais acirrada, tanto em âmbito nacional, como estadual. Quanto ao Legislativo, observou-se, de maneira geral, a preservação do domínio dos partidos mais conservadores e integrados à ordem capitalista, particularmente os do chamado “centrão”. Mais uma vez, revelou-se o domínio do poder econômico e dos aparatos, como as igrejas, além do uso da própria máquina estatal (a exemplo da utilização do Auxílio Brasil, de R\$600), comprovando o que já sabíamos: que as eleições são um campo dominado pela burguesia, em que pese as fraturas no seio desta classe se mostrarem de forma clara.

17. A polarização eleitoral resultou em enorme divisão entre os explorados, quando deveriam estar unidos, em torno aos seus sindicatos e movimentos, em defesa de um programa próprio de reivindicações e da estratégia de poder, voltada à luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade socialista. A polarização entre Lula e Bolsonaro não nasceu no interior das massas. Foi gestada no interior do poder do Estado e da classe capitalista, nas condições de avanço da crise econômica e de escalada da miséria e fome.

18. Diante das eleições, o Partido Operário Revolucionário (POR) concentrou a propaganda e agitação em torno a um programa próprio da classe operária, à independência política dos sindicatos, à convocação das assembleias, à formação dos comitês de empregados e desempregados, à resposta às demissões e à defesa da convocação de um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios, como ponto de partida para a realização de uma greve geral. Sob essa linha, convocou os explorados e a juventude oprimida a não confiarem nas eleições burguesas, a não se deixarem arrastar pela polarização eleitoral, e a confiarem em suas próprias forças coletivas. Diante do segundo

turno, o POR mantém a defesa do voto nulo, como expressão da independência de classe e defesa do programa de reivindicações.

Questão municipal e política educacional

19. Os trabalhadores em Educação do município de São Paulo têm enfrentado vários ataques por parte do governo municipal, atualmente sob o comando do prefeito Ricardo Nunes/MDB. Amargam um longo período de arrocho salarial, considerando que todos os reajustes – embora conquistados com luta – foram abaixo da inflação, situação piorada pelo confisco dos salários, através da aprovação da Sampaprev. À penúria salarial se somam a muitos outros problemas. As condições de trabalho vão de mal a pior, com um déficit cada vez maior de docentes e funcionários do quadro de apoio. Não há o suporte necessário para lidar com as crianças com deficiência. A violência grassa no entorno e até no interior das unidades. As escolas necessitam se virar com o mirrado orçamento para continuar funcionando. Na Educação Infantil, há já uma enorme presença da terceirização, com as conveniadas e a rede indireta. O governo municipal está alinhando a Educação municipal, num processo acelerado, às determinações da reforma do ensino médio e à BNCC. Parte essencial desse plano é o fechamento de salas e turnos, em particular no noturno e na EJA, paralelamente à imposição do Programa São Paulo Integral. A expansão do Ensino a Distância (EaD), também. Durante a Pandemia, a experiência com o EaD se mostrou desastrosa.

20. A crise da Educação, porém, não é conjuntural. Também não é resultado tão somente da falta de verbas, não é uma crise de modelo, de gestão ou de currículo. Os ataques atuais só têm aprofundado uma crise que é muito mais profunda. Sob o capitalismo, que se encontra em sua fase última – imperialista –, é impossível um amplo florescimento da humanidade, pois as forças produtivas, altamente desenvolvidas, se encontram encarceradas pelas relações de produção monopolistas. O fenômeno da superprodução impede que a ciência penetre na produção social. Os avanços pontuais na técnica e na tecnologia, além de serem diminutos frente à capacidade de desenvolvimento represada, não chegam à toda população e ainda se voltam contra a humanidade, na medida em que potenciam a criação de valores que não têm como se realizar, isto é, não podem ser consumidos, provocando quebras econômicas cíclicas. É dessa forma, então, que o capitalismo impõe a separação entre teoria e prática, entre sujeito e objeto do conhecimento, entre nós e a realidade. Daí a defesa que a Corrente Proletária na Educação faz da escola vinculada à produção social, como bandeira que corresponde à necessidade de unir a teoria à prática, colocando como premissa a tarefa histórica de soterrar a propriedade privada dos meios de produção.

21. Aos explorados, diante de tantos ataques por parte da burguesia e seus governos, só resta lutar. Contra todos os desvios e as falsas soluções propostas pelos reformistas, centristas e stalinistas, as massas devem se lançar no campo da independência de classe, empregando o método próprio do proletariado, que é a ação direta. Os sindicatos podem e devem cumprir um papel decisivo na centralização das forças e no levantamento dos trabalhadores pelas suas reivindicações mais sentidas, servindo como ferramenta auxiliar na luta pelo poder. Mas, para atingir esse ponto, os explorados terão que acertar contas com as burocracias sindicais e direções políticas corrompidas. É na trajetória dos enfrentamentos necessários que os oprimidos irão forjando uma nova direção, classista e revolucionária. Está colocada a tarefa de colocar em pé o partido operário revolucionário, guiado pela estratégia socialista da tomada do poder pela via insurrecional e instauração de um governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado.

22. O SINPEEM participou, de fato, de mobilizações importantes nessa trajetória. Foram sucessivas greves, com assembleias e manifestações massivas – inclusive enquanto perdurava a Pandemia, caso da greve de 2021. O que explica a amplitude das mobilizações é a combinação de alguns fatores, sendo o principal deles um impulso espontâneo, nascido da gravidade dos ataques. E isso, em que pese a política da direção, que sempre apostou na via parlamentar, pacifista, alimentando ilusões nas mesas de negociação (que só servem para enrolar e enganar os trabalhadores), nas negociações de bastidores, na “pressão” sobre os vereadores e na via judicial (como se a Justiça não fosse patronal). Cláudio Fonseca controla o sindicato com mão de ferro, é personalista e centralizador. Em suma, devido à política da direção, não há democracia nem independência no SINPEEM.

23. A direção do SINPEEM se nega a caracterizar a aprovação das contrarreformas como derrota e a postura das direções das centrais como traidora. Pelo contrário, tem dado a entender que há um saldo positivo para os trabalhadores, dizendo que “poderia ter sido pior”. Age como corporativista, pois vira as costas para os trabalhadores de categorias que estão sendo atingidas pelas medidas aprovadas, a exemplo da questão da substituição do regime salarial pelo de subsídios. O mais grave, todavia, é que a linha de “cantar vitória” dificulta aos trabalhadores compreenderem que as traições e derrotas emperram o

combate unificado nacionalmente pelas suas reivindicações. É por isso que a tarefa principal do momento para os explorados é justamente tirar do seu caminho o obstáculo que são as direções corrompidas.

Plano de lutas

24. Diante de todo o exposto acima, a Corrente Proletária na Educação propõe que o 31º Congresso do SINPEEM se posicione pelas seguintes bandeiras:

- Responder aos ataques contra a educação pública: fim do sistema privado de ensino. Não às Escolas de Tempo Integral e ao Ensino a Distância. Fim do controle e influência sobre a educação pelas igrejas. Não à militarização das escolas. Por um sistema único, público, vinculado à produção social, sob o controle de quem estuda e trabalha, com financiamento integral pelo Estado, cobrindo todas as necessidades das escolas;

- Nenhuma ilusão nas eleições! Votar nulo no segundo turno, como expressão da independência de classe e do programa de reivindicações! Que as centrais, sindicatos e movimentos convoquem um Dia Nacional de Luta, em defesa dos empregos, salários e direitos!

- Combinar o combate às contrarreformas com a defesa das reivindicações vitais das massas: salário mínimo vital, a ser calculado pelas assembleias, com reajuste automático; emprego a todos, com estabilidade e efetivação dos trabalhadores terceirizados, por meio da escala móvel das horas de trabalho. Isonomia salarial e de direitos;

- Responder às privatizações e à desnacionalização com a bandeira de reestatização, com o controle operário da produção. Não ao pagamento da dívida pública e pela estatização, sob controle dos trabalhadores, de todo o sistema financeiro;

- Fim de toda legislação que viola o direito de greve e manifestação dos trabalhadores. Fim das prisões e perseguições àqueles que lutam e organizam os movimentos;

- Pelo fim da guerra na Ucrânia, desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas, fim das sanções econômicas dos Estados Unidos à Rússia, autodeterminação, integralidade e retirada das tropas russas da Ucrânia;

- Responder à dominação imperialista e à submissão da burguesia brasileira com a bandeira do governo operário e camponês, que será erguida por meio da revolução proletária. ■

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

